

VOLUME 2

OUTUBRO/1990

ISSN 0103-2909

Ciências em MUSEUS

*Periódico
anual*

O Objeto de Pesquisa no Caso dos Museus¹

MÁRIO DE SOUZA CHAGAS

Resumo - A partir das noções de sujeito e objeto procura-se discutir o processo de delimitação e construção do objeto de pesquisa nos museus. Nesta ordem de idéias se procura também delimitar o objeto de estudo da museologia a partir da identificação do que se convencionou chamar de ternário matricial - composto da inter-relação entre o homem/sujeito, o objeto/bem cultural e o espaço/cenário denominado museu. A visão reducionista que compreende a pesquisa museológica como aquela que se debruça apenas sobre o acervo é criticada. Por fim se apresenta um breve levantamento das possibilidades de pesquisas no campo da museologia e se reconhece o jogo dialético entre o objeto de conhecimento e o objeto de ignorância.

Palavras-chave: Museologia, Teoria Museológica, Funções dos Museus, Pesquisa Museológica.

Abstract - Starting from the notions of individual and object, we try to discuss the process of delimitation and construction of the subject of investigation in museums. Following this idea, we also try to bound the matter of study in Museology, as from the identification of the so-called "primordial ternary" - composed by the relation between man/individual, object/cultural property and space/scenery named as museum. The reducing view which concerns the museological investigation on only the research about the collection is criticised in the text. Finally, we recognize the dialectic play between the object of knowledge and the object of ignorance.

Key words: Museology, Museological Theory, Museums Functions, Museological Investigation.

O Objeto como obstáculo e limite

A noção de objeto (do latim *objectum*) pressupõe a noção de sujeito, diante do qual o objeto é colocado, como um obstáculo². A relação entre o sujeito e o objeto baseia-se na reflexão que corresponde no plano da ação ao ato de debruçar-se sobre.

Assim compreendido o objeto será o limite, a delimitação de uma atividade ou de uma operação qualquer (Abbagnano [1970:694]). Cabe, no entanto, interrogar: quem estabelece a delimitação nesta relação bipolar?

Se a resposta aponta para o objeto, ele será considerado como um dado, como alguma coisa pronta e acabada. Se a resposta aponta para o sujeito, a delimitação será pura invenção auto-imposta, sem correspondência com as estruturas da realidade. É possível, no entanto, uma terceira resposta que aponte para a própria relação, para os dois pólos (sujeito e objeto) em sistema constante de trocas. Além destes dois pólos estarem em relação, cada um deles constitui também um sistemas de relações (Chauí [1988]). Neste caso, a delimitação é construída; em outras palavras, o objeto é historicamente construído e o sujeito historicamente determinado. Segundo Demo [1981:18], "(...) aceita-se cada vez mais que a ciência trabalha com uma realidade construída", e que, portanto, "não passa de um modo possível de ver a realidade, nunca único e final".

As denominadas disciplinas científicas apresentam óticas fragmentadas. Como esclarece Demo [1981: 19]: "Embora sejam maneiras de conceber a realidade, são também maneiras de a desconhecer, à medida que a reduzimos a uma dimensão parcial. É fundamental visualizarmos que a pesquisa é instrumento indispensável de captação da realidade, mas que, não sendo capaz de esgotar sua complexidade abundante, é também uma forma de a desconhecer, à medida que é parcial, deturpa fatos, ideologiza a favor de posições próprias, absolutiza simples dimensões etc."

O objeto de estudo da museologia

A museologia e os museus não fogem à regra, são também um determinado modo de

“olhar”, de interpretar, de captar a realidade. A compreensão de que a museologia e os museus são fragmentários levou Freyre [1979:45] a interrogar: “Mas não serão os verdadeiros museus constituídos de retalhos ou de pedaços substanciais dessas realidades?” e Varine-Bohan [1972:7] a afirmar: “Nenhum museu é total”.

Aceitando-se, provisoriamente, a museologia como sendo a disciplina que trata de investigar a relação entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural num espaço/cenário denominado museu (Russio [1984:60]) e mesmo fora dele; e reconhecendo-se que o homem, o bem cultural e o espaço/museu fazem parte de uma mesma realidade historicamente determinada, teremos aí um princípio de delimitação do objeto de estudo da museologia.

A aceitação provisória desta delimitação prende-se ao reconhecimento de que o objeto de estudo da museologia está em processo e também ao fato de que esta delimitação não distingue suficientemente bem a museologia de outras disciplinas como, por exemplo, a Psicologia Social que, segundo Moles [1972:7], estuda “as relações entre o Homem e a Sociedade - ou as que se dão no mundo contemporâneo”.

É importante observar, no entanto, que, ao se debruçar sobre a relação anteriormente apontada, a museologia se afasta do objetivismo empirista, que impõe o dado ao sujeito, e também do relativismo subjetivo, que idealiza e fantasia a realidade. Este procedimento permite que a museologia, de maneira mais exata o investigador, ao delimitar e construir o objeto o faça de maneira crítica e processual. A realidade, o objeto de pesquisa, o pesquisador, o museu, a sociedade, o objeto musealizado, tudo está em metamorfose com ritmos diferentes de tempo (tempos de curta duração, tempos de longa duração).

Três termos básicos e inter-relacionados destacam-se da conceituação de museologia aqui apresentada:

- 1º - Espaço/Cenário
- 2º - Objeto/Bem cultural
- 3º - Homem/Sujeito

Esses três termos (mais ou menos ampliados) estão presentes na própria definição de museu³, quer como museu tradicional, quer como museu de um tipo novo.

Numa definição ligeira, com base no senso-comum, o museu é compreendido como sendo formado de um edifício, uma coleção e um público. A partir desta constatação Varine-Bohan [1972] acenou com a possibilidade de se pensar um novo tipo de museu, que considerasse não o edifício, mas a região ou o território; não a coleção, mas o patrimônio; não o público, e sim a comunidade ou sociedade local. (Lacouture [1985:11]).

Não é difícil perceber que no caso da conceituação de museologia estamos diante de um *ternário matricial*. Os termos patrimônio, coleção e objeto/bem cultural nos colocam diante da dimensão do tempo ou da memória. Isto fica claro através do termo patrimônio que pode ser compreendido como herança ou um determinado recorte de fragmentos culturais que se transmite de uma geração para outra, de um tempo A para um tempo B. Os termos território, edifício e espaço/cenário colocam-nos diante da dimensão do espaço. E os termos comunidade ou sociedade local, público e homem/sujeito introduzem nesta relação a dimensão humana, a consciência histórica e social. Sem esta última dimensão a museologia e os museus perderiam a finalidade. No entanto, é preciso não esquecer que sob os termos comunidade ou sociedade local, público e homem/sujeito ocultam-se classes e grupos sociais, e indivíduos determinados e diferenciados.

Em busca do objeto perdido: o Inventariante

Antes de ensaiarmos um movimento de busca do objeto de pesquisa nos museus, convém esclarecer os seguintes pontos:

- 1º - A pesquisa científica não é uma exclusividade das universidades (Cunha [1979:82]). Instituições como a Fundação Osvaldo Cruz, a Fundação Rui Barbosa, a Fundação Joaquim Nabuco etc., estão profundamente envolvidas com trabalhos de investigação científica. Ao lado dessas instituições perfilam-se (ou deveriam perfilar-se) os museus que, por definição, possuem, entre outras, a função de pesquisar.

2º - A pesquisa aqui é compreendida como “a construção de conhecimento original, de acordo com certas exigências científicas”. (Demo [1981:7])

Compreendendo-se o ternário matricial, anteriormente citado, como definidor da instituição museal e do campo de estudo da museologia, compreender-se-á também as diferentes possibilidades de construção do objeto de pesquisa no caso dos museus. Independentemente da classificação tipológica da instituição os três elementos do ternário matricial poderão ser problematizados e tomados como objetos de pesquisa. É importante observar que estes três elementos estão em constante inter-relação e inseridos numa realidade em trânsito. Os questionamentos do investigador poderão estar enfatizando apenas um, dois ou três aspectos, ou ainda a inter-relação entre eles. O campo delimitado por estes três elementos em sistema de trocas com a realidade é também o campo onde se desenvolvem a teoria e a prática museológicas. Segundo este ponto de vista é exatamente através do ternário matricial que se pode buscar definir a especificidade do trabalho de pesquisa nos museus. A partir da definição dessa especificidade novas especificidades podem ser criadas baseadas, por exemplo, na classificação tipológica das instituições museais (localização geográfica, campo temático, esfera administrativa, etc.).

Nesta ordem de idéias fica bastante evidente que a denominada pesquisa museológica ao orientar-se exclusivamente para um dos ângulos do ternário matricial deixa de considerar os museus e a museologia em toda a sua complexidade. Isto equivale, em última instância, a afirmar que apenas a existência do acervo define o museu. Esta perspectiva reducionista deixa de considerar, por exemplo, o fato de que o acervo tanto pode ser o ponto inicial (ou fonte) de investigações científicas, quanto o ponto de chegada, a materialização ou o resultado final de um estudo realizado (Chagas [1985:184])

Sem pretender de forma alguma esgotar as possibilidades de abordagem do triângulo matricial visando a construção de conhecimento original, poderíamos levantar os seguintes pontos:

1 - Ao se considerar o patrimônio, a coleção e o bem cultural como objeto de pesquisa é interessante notar que:

- 1.1. - tanto são esclarecedores os testemunhos presentes como os ausentes. O confronto entre a ausência e a presença de bens culturais no tempo e no espaço pode ser útil para esclarecer a vertente ideológica da preservação e da construção de conjuntos de bens culturais;
- 1.2. - tanto se pode trabalhar com o bem musealizado, quanto com o bem museável;
- 1.3. - tanto se pode abordar o conjunto de bens culturais, como o bem cultural isolado;
- 1.4. - as formas de aquisição e descarte de acervo, e as técnicas de documentação, proteção, preservação, conservação e restauração de bens culturais podem constituir-se em objeto de pesquisa;
- 1.5. - o acervo exposto e o acervo mantido em reserva técnica, bem como as técnicas de exposição e guarda do acervo podem transformar-se em objeto de pesquisa;
- 1.6. - é possível abordar criteriosamente a relação do patrimônio cultural com os diversos níveis de tempo, com o técnico-pesquisador, com os grupos sociais, com o público, com o espaço físico, com o contexto original, com o meio ambiente, com o mobiliário museográfico, com o imaginário popular etc.;
- 1.7. - a relação do acervo de um museu com o acervo de outros museus, bem como o patrimônio preservado fora dos museus pode constituir-se em objeto de investigação;
- 1.8. - existem “n” possibilidades de abordagem.

2 - Ao se considerar a sociedade local ou a comunidade, o público e o homem/sujeito como objeto de pesquisa é interessante perceber que:

- 2.1. - tão importante quanto conhecer o perfil do usuário e do público atual do museu é conhecer o público potencial, aquele que poderia ir, mas não vai ao museu;
- 2.2. - o comportamento do público (isolado ou em grupo) no museu e fora do museu pode ser colocado como objeto de pesquisa;
- 2.3. - as necessidades, os anseios e as questões dos grupos sociais e dos indivíduos não são previamente conhecidas;

- 2.4. - a atribuição de valores aos bens culturais musealizados pode constituir-se em interessante campo de investigação;
 - 2.5. - os trabalhos de educação e exposição de bens culturais podem ser desenvolvidos de acordo com critérios científicos;
 - 2.6. - as relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o acervo, com o espaço físico, com os profissionais de museus, com a arquitetura do prédio, com a memória, com o tempo, com as noções de conservação, preservação etc., podem ser o móvel de interessantes investigações;
 - 2.7. - existem "n" possibilidades de abordagem.
- 3 - Ao se considerar o território, o edifício e o espaço/cenário como objeto de pesquisa é interessante observar que:
- 3.1. - há uma relação passível de investigação entre o território, o meio ambiente e a preservação de bens culturais;
 - 3.2. - a imagem do prédio do museu no imaginário popular é também passível de investigação;
 - 3.3. - as relações do espaço físico com as técnicas museográficas, com o sistema de segurança, com o público, com o sistema de iluminação, com a conservação do acervo etc., podem ser tomadas como objeto de pesquisa;
 - 3.4. - as trajetórias do prédio e da instituição relacionadas ou não com prédios e instituições similares é um objeto possível;
 - 3.5. - à medida em que a instituição museal projeta-se para fora de si mesma, abre-se um novo campo de investigação;
 - 3.6. - existem "n" possibilidades de abordagem.
- 4 - Ao se considerar a relação entre os três elementos do ternário matricial como objeto de pesquisa é interessante notar, além dos pontos já indicados, que:
- 4.1. - o processo de musealização é terreno amplo para investigações;
 - 4.2. - a imagem do museu varia no tempo e no espaço e pode ser cientificamente investigada;
 - 4.3. - a teoria e a prática museal podem ser tomadas como objetos de pesquisa;
 - 4.4. - a relação da instituição museal com os diferentes campos do conhecimento, bem como as inter-relações entre os três elementos do ternário matricial são também passíveis de investigação;
 - 4.5. - existem "n" outras possibilidades de abordagens.

Do objeto de conhecimento ao objeto de ignorância

Pelo que aqui foi exposto supomos que esteja claro que o campo de estudo da museologia - enquanto disciplina que trata, ao lado de outras, das representações e dos conteúdos da memória - é também campo da interdisciplinariedade.

Como anteriormente foi dito, o objeto de pesquisa no caso dos museus situa-se na área do que aqui foi chamado de ternário matricial. Esse objeto, no entanto, só passa a existir para o pesquisador à medida em que este lhe dirige o "olhar", colocando-lhe questões e problemas. Sem questões e sem problemas o objeto está perdido. As questões colocadas pelo pesquisador dão o tom do seu comprometimento social. Peregrinando pela obviedade, como diria Paulo Freire, podemos afirmar: o móvel da pesquisa é a ignorância. Assim, a construção do nosso objeto de pesquisa tem uma grande dose de ignorância. E ao chegarmos a uma situação de novo conhecimento será preciso admitir também que chegamos a uma situação de nova ignorância, para que então um novo objeto seja construído e colocado diante do "olhar" como um limite e como um obstáculo.

Notas

- 1 - Comunicação apresentada no Encontro de Pesquisadores em Museus, realizado no Museu Histórico Nacional da Fundação Nacional Pró-Memória (extinta), Rio de Janeiro, 5 de junho de 1990.
- 2 - Ver os verbetes "objeto" e "obstáculo" no Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1970.
- 3 - De acordo com o artigo 3 dos Estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), citado no *Código de Ética Profissional*: "O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas referentes aos testemunhos materiais do homem e de seu ambiente, os adquire, os conserva, os comunica e principalmente os expõe com a finalidade de estudo, de educação e de deleite."

Referências

- [s.d.] ICOM. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. *Código de Ética Profissional*. Rio de Janeiro, AMICOM, 19p. xerox.
- [1970] ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 976p.
- [1972] MOLES, A. A. *Teoria dos Objetos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 189p.
- [1972] VARINE-BOHAN. Mensagem. In: CAMARGO, F. (org.). *Guia dos Museus do Brasil: roteiro dos bens culturais brasileiros levantados em pesquisa nacional*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura. p.7-8.
- [1979] CUNHA, L. A. Ensino e pesquisa: uma associação problemática. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v.16, p. 82-87.
- [1979] FREYRE, G. *Ciência do Homem e Museologia: sugestões em torno do museu do homem do nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais*. Recife, IJNPS. 54p.
- [1981] DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas. 255p.
- [1983] FREIRE, P. *Educação e mudança*. São Paulo, Paz e Terra.
- [1984] RUSSIO, W. Cultura, patrimônio e preservação (Texto III). In: ARANTES, A. A. (org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo, Brasiliense. p.59-95.
- [1985] CHAGAS, M. S. Um novo (velho) conceito de museu. *Cadernos de estudos sociais*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1(2): 183-191.
- [1985] LACOUTURE, F. *La nueva museologia en la comunicacion para el desarrollo cultural*. Colômbia, 13p. xerox.
- [1988] CHAUÍ, M. História a contrapelo (prefácio). In: DECCA, E. 1930 *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense. 209p.